

Gênero, cibercultura e novas tecnologias de comunicação digital: reforçando ou desconstruindo preconceitos? ST 36
Bárbara Maia das Neves
FETSM/UNESA

A Nova Revolução Industrial: As pessoas-máquinas de David Brin e seu “Piecework”

O sistema capitalista é baseado especialmente em uma relação de produção e de consumo. Seguindo as palavras de Benjamin Franklin em seu texto “The Way to Wealth” (1758), o ser humano deve buscar ser produtivo sempre, mesmo em seus momentos de lazer. Cada novo instante traz consigo alguma aprendizagem e a capacidade de mostrar às pessoas o quanto elas podem ser úteis à sociedade.¹ Tudo isso parece bom na teoria, no entanto, o que se vê é que esta utilidade do ser humano acaba por definir o seu valor no mundo. Tal feito pode ser amplamente visto hoje em dia, quando pessoas ditas desnecessárias são substituídas em seus empregos por outros que supostamente fariam as mesmas tarefas a um custo menor para o empregador.

Esta relação de valor de consumo pode ser observada inclusive nos papéis de gênero, como demonstra Luce Irigaray em seu livro *The Sex Which Is Not One* (1985). Nesta obra, Irigaray segue conceitos antropológicos como os de Lévi-Strauss e fala da comercialização das mulheres-objetos, as “desejáveis”, isto é, aquelas que seriam boas esposas, mães e que acrescentariam algum valor ao status dos homens a elas associados.² A autora fala de como as mulheres, muitas vezes, se vêem obrigadas a assumir um papel fundamental nesta vida de objeto comercializado: elas têm que se tornar atraentes para futuros interessados, mostrando que elas compensam o que foi investido na sua aquisição através de sua lealdade enquanto virgens e futuras esposas, e na sua capacidade reprodutora e mantenedora enquanto mães e provedoras.

Apesar de Irigaray se deter mais no que concerne ao ponto de vista feminino, algumas de suas afirmações podem ser aplicadas à população em geral. O ser humano vive em uma busca constante por cursos e atualizações, por exemplo, sempre na esperança de com isso poder se “segurar” no emprego e garantir seu futuro e o de sua família. Não que tal atitude seja condenável, muito pelo contrário, mas o que se vê é que cada vez mais as pessoas acabam por dar um valor demasiado excessivo a sua vida profissional, e, por fim, desenvolvem um senso tão arraigado de competição que tal atitude pode se refletir até mesmo na esfera pessoal da vida.

Este tipo de comportamento, de comodificação do ser humano, é especialmente visível no conto de David Brin intitulado “*Piecework*” (1990). Nesta sociedade futura as pessoas vivem em função de prestarem contas a uma burocracia cibernética para terem o direito de fazer qualquer coisa que afete a sociedade, especialmente se reproduzir. Enquanto alguns se entregam ao desespero, outros, como a protagonista Iolanthe (Io), buscam entrar no sistema fazendo o possível para serem valorizados e poder usufruir alguns direitos, como a maternidade. A principal renda deste mundo consiste em produzir por meios biológicos a matéria-prima a ser utilizada por várias indústrias, como a de motores, por exemplo. Inclusive o leite materno se torna um outro produto a ser modificado e comercializado. Por conta desta nova forma de renda, há muito preconceito contra os trabalhos ditos convencionais, como o da protagonista Io, ainda que este seja apenas de meio expediente em um escritório. Utilizar o corpo como fonte de renda, mesmo que desaprovado por algumas correntes, como os chamados “Católicos de Madri”, é considerado um sinal de sub-emprego. Ser um *piecworker*, que aqui traduzo como freelancer, é o último recurso de uma população ainda excedente e pobre, que se vê obrigada a utilizar o próprio corpo e suas capacidades biológicas para sobreviver.

Alguns, como a amiga de Io, Perseph, se prestam a fazer qualquer serviço freelance por alguns trocados para garantir uma felicidade momentânea. Por exemplo, Perseph gera um tubo de placenta para ser utilizado em fábricas e fica revoltada quando descobre que perdeu dinheiro por ter demorado demais na ‘entrega’ do produto, que se desvalorizou no mercado de ações. E para ajudar neste serviço há os homens geneticamente modificados, os ‘codders’, que são parte neste processo de fabricação, fazendo com que a atividade de gerar um produto seja a mais natural possível, ou seja, através de sexo. Cada ‘codder’, bem como cada mulher, é identificado por uma espécie de tatuagem de código de barras, que, ao ser passado por um computador, mostra quais “serviços” esta pessoa estaria apta a desempenhar e em quais produtos poderia auxiliar na fabricação.

Outros serviços podem ser trabalhosos, doloridos e até mesmo mais frios se levarmos em conta que envolvem apenas o ventre e uma equipe médica. No entanto, eles são mais bem remunerados e melhoram os registros da pessoa naquela sociedade. É o que ocorre com Io, que passa toda a história grávida ao que parecia a princípio ser de um ser humano, como se fosse uma barriga de aluguel. No entanto, no seu parto descobre-se que ela deu à luz um *starbrain*, ou seja, um ser humanóide com razoável

nível de inteligência capaz de pilotar naves espaciais e de alto valor comercial naquele mundo. Com o progresso da história vê-se que Io abomina esta atitude que tem que tomar, mas vê que não há outra saída caso deseje se sustentar e garantir o certificado que autoriza a formação de uma família no futuro.

Além disso, parece ser relevante falar brevemente de Io como uma figura mítica. Em algumas palavras, Io é uma jovem ninfa seduzida por Zeus, atormentada na forma de novilha pelos ciúmes de Hera e que se vê obrigada a sobreviver a várias provações até que possa usufruir uma vida tranqüila com sua família.³ Tal qual a figura mítica, a Io do conto de Brin se sente uma marginalizada na sociedade em que vive. Ela parece sentir que pertence cada vez menos àquele lugar. Por freqüentar uma faculdade, ter um emprego dito convencional, ou seja, levar uma vida associada aos valores da classe média de hoje, Io sofre com o extremo desdém de seus colegas que querem tirá-la desse ‘mundo à parte’ de qualquer maneira. Mais uma vez o valor de ser humano está associado ao que ele pode fazer para ser útil aos seus amigos. Por ver Io se distanciando de seu grupo e por inveja de um futuro que ela não poderá usufruir, a suposta amiga de Io, Perseph, chega a contratar um ‘codder’ para que dê um fim à gravidez-serviço de Io, de modo a que esta se veja obrigada a voltar aos velhos sub-empregos de produzir produtos como seus companheiros: “Você estava ficando muito esnobe. Queria cair fora e deixar seus companheiros para trás, seu sindicato. Nós...eles...acharam que seria bom pra você dar uma caída.”⁴ (BRIN, D. 2003. p. 573) A velha teoria do ‘se não pode ser meu não será de ninguém’ ainda persiste neste mundo.

Os amigos de Io vivem em um círculo vicioso de busca pelo prazer e pelos créditos para poderem se sustentar – e manter seus vícios – até o próximo trabalho. Em um mundo onde todo o governo e sua dominação parecem estar ocultos atrás da computação e suas tatuagens reguladoras, as pessoas se voltam para o hedonismo⁵ como forma de vida. Como o narrador já fala da amiga de Io logo no início do conto:

Como se Perseph soubesse o que significa [investimento]! Como a maioria dos freelancers, a morena alta nunca economizou um centavo sequer das suas taxas de serviço, torrando tudo no circuito de festas até que estivesse na hora de voltar para os cheques da caridade e a próxima barriga de aluguel. Não é admirar que Perseph fique apenas na fabricação de placenta. Algumas pessoas não têm ambição. (BRIN, D. 2003. p. 550.)⁶

Mas o que se vê é que por trás desta suposta aparência de liberdade e de despreocupação, há um mundo cada vez mais sombrio, onde as pessoas perdem suas esperanças de uma vida melhor. Empregos regulares como o de Io no escritório, ainda que este seja de meio expediente, são vistos com toques de inveja, pois o mundo

pertence a eles: os trabalhadores não-braçais são vistos como uma elite à qual muitos desejam pertencer (como Io) e não conseguem (como Perseph). Como dito antes, ser um *freelancer* é demonstrar a sua condição de pobreza e de incapacidade de se adaptar a este novo mundo.

A situação degradante vivenciada pelo mundo de Io é, na verdade, uma conseqüência das grandes disparidades cometidas pela população do fim do século XX, com o consumo exacerbado dos recursos naturais. Aprendemos junto com as lições da faculdade de Io o que aconteceu para que o mundo ficasse do jeito que está. Um dos capítulos de um livro fictício chamado *Are You Interested in Biofab?*(2043) (*Você está interessado em biofabricação?*) fala de como a primeira revolução industrial foi alcançada por meio da domesticação da natureza, seguindo a filosofia de Francis Bacon, caracterizada, particularmente, pelo uso excessivo de recursos. Mesmo os recursos tidos como valiosos e naturais, como o ouro, quanto os comuns, no caso dos cereais matinais, são tratados da mesma forma pelo livro, como exemplo da irresponsabilidade humana. Já a nova sociedade de Io e Perseph, além de apresentar a questão econômica anteriormente mencionada (que leva àqueles de baixa renda a usarem seu corpos na produção industrial), oferece também o ponto de vista de que os produtos humanos, como a placenta, são bons substitutos para o petróleo que já não existe mais.⁷

Há também a questão da superpopulação, que faz com que se tente controlar ao máximo a quantidade de pessoas no mundo, priorizando aqueles que podem ser bons pais e gerar seres humanos com alto valor social. Uma outra lição de Io fala de como a população foi racionada há alguns anos, mas, ainda assim, há gente em excesso circulando pelas ruas. Além do já falado uso extremo dos recursos naturais, a superpopulação também ocasionou um alto nível de desemprego. Este fator, aliado à elevada taxa de educação fez com que pessoas com altíssimos níveis de instrução fossem ‘forçadas’ a desempenhar funções que não necessitariam de tanta especialização. Apesar de o processo de comodificação de Luce Irigaray se ver repetido aqui, o que se percebe melhor é a sua aplicação no lado profissional. Ainda assim, o aspecto de formação da família está presente nesta lição. A lição fala de algo como “(...) o trabalho mais exigente da história estava sendo feito quase que universalmente por trabalhadores despreparados...”⁸ (BRIN, D. 2003. p. 558) Apesar deste trabalho tão necessário e mal feito não ficar claro à primeira vista, com o passar do conto nota-se que este capítulo está falando justamente do trabalho de ser pai/mãe. Neste mundo futuro, o que se espera é encontrar seres humanos que valham a pena viver.

Como já foi falado, cada ser humano tem que prestar contas a uma burocracia e tudo o que ele faz ou deixa de fazer provoca alguma repercussão na sua ficha de cidadão. Extremamente pessoal, este registro também debate como a genética acaba por influenciar na formação da personalidade da pessoa. Ao conversar com Perseph em uma festa, Io fala de como ela não pode evitar suas atitudes consideradas elitistas por ter sido criada assim.⁹ Apesar de não haver nenhuma evidência explícita de manipulação genética na criação de seres humanos, nesta sociedade dominada pela ciência e pela tecnologia as pessoas se vêem aprisionadas pelo determinismo biológico. Apesar desta teoria apresentada por Toril Moi (1999) falar da manipulação social imposta que usa como desculpa fatores biológicos de seus membros¹¹, esta mesma manipulação se apresenta de forma mais sutil ao obrigar os pobres a se adaptarem às funções de produtores de materiais para grandes indústrias.

O que se vê então no mundo de Brin não é a rejeição do controle do sistema vigente, haja vista parecer ser graças a ele que o mundo não caiu no caos e destruição para que estava caminhando. O que se percebe aqui é que, como dito por Tom Shippey em seu artigo “Literary Gatekeepers and the Fabril Tradition”, mais uma vez tal qual o mito, a recuperação da humanidade de Io se dá através do seu direito de ser mãe naquele mundo. O que ocorre aqui é a aceitação do sistema e a adaptação dos indivíduos e de suas necessidades a ele.¹⁰ A evolução de Darwin aqui assume um aspecto mais social, em que só os mais preparados vivem melhor e se reproduzem; e a família deixa de ser um direito natural para ser profissionalizada. A comodificação então atinge seu nível extremo ao indicar que seres humanos devem fazer jus a algo como um ‘selo de qualidade’ para merecerem viver.

Notas:

1 – FRANKLIN, B. 1994. p. 444.

2 – IRIGARAY, L. 1985. p. 170.

3 – BULFINCH, T. pp. 38-41.

4 – No original: “You were getting too damned high-almighty. Wanted to climb out and leave your friends, your guild. We...they...thought it would you good to be brought down a peg.”

5 – Hedonismo: “Busca do prazer próprio como um fim em si. Em ética, é a perspectiva de que essa busca é a própria finalidade de toda ação. Uma vez que há concepções

diversas de prazer, há, correspondentemente, diferentes variedades de hedonismo.” (BLACKBURN, S. 1997. p. 178)

6 – No original; “As if Perseph knew what [investment] meant! Like most pieceworkers, the tall brunette never saved a penny out of her delivery fees, blowing it all on the move-party circuit until it was time to return to her dole cheques and her next surroprgnancy. No wonder Perseph stayed with placental-fab. Some people just had no ambition.”

7 – BRIN, D. 2003. pp. 566-567.

8 – No original: “(...) most demanding job in history was being performed almost universally by unskilled labour...”

9 – BRIN, D. 2003. pp. 564.

10 – SHIPPEY, T. 2002. pp. 18-19.

11 – “(...) normas sociais são ou deveriam ser baseadas em fatores biológicos.” (“social norms are or ought to be grounded on biological facts.”) (MOI, T. 1999. p. 369)

Bibliografia:

- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRIN, David. “Piecework”. In: SHIPPEY, Tom (org). *The Oxford Book to Science Fiction Stories*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CLUTE, John & NICHOLLS, Peter. *The Encyclopedia of Science Fiction*. New York: St. Martin’s Griffin, 1992.
- FRANKLIN, Benjamin. “The Way to Wealth”. In: BAYM, Nina, et al. *The Norton Anthology of American Literature, Voll.* New York: W. W. Norton, 1994.
- IRIGARAY, Luce. *This Sex Which Is Not One*. New York: Cornell University Press, 1985.
- MOI, Toril. *What is a Woman? And Other Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- SHIPPEY, Tom. “Literary Gatekeepers and the Fabril Tradition.” In: WESTFAHL, Gary & SLUSSER, George. (eds.) *Science Fiction, Canonization, Marginalization, and the Academy*. Westport: Greenwood Press, 2002.